

Economia - Brasil

## O BRASIL NO SÉCULO XX

## Cresce trabalho urbano, informal e feminino

País tem mais de 70% da mão-de-obra em cidades, 55% de trabalhadores na informalidade e mais mulheres no mercado

Cássia Almeida

• Foi na década de 70: Estela Siqueira tinha 20 anos de idade e saiu de Palmeira dos Índios, no interior de Alagoas, para realizar o sonho de conhecer o Rio de Janeiro. Trabalhava na roça desde os 7 anos, mas preferiu deixar os filhos no sertão para tentar a vida na cidade grande. E a vida melhorou. Ela conseguiu seu primeiro emprego com carteira assinada como servente, no início dos anos 70. Mas a loja fechou, a opção foi tentar trabalho como doméstica e, já no anos 80, como ambulante:

— Meu irmão já trabalhava e me ajudou muito — conta Estela, que hoje, aos 54 anos, trabalha numa banca no Largo da Carioca.

A história da ambulante traduz com incrível fidelidade as transformações que ocorreram no mercado de trabalho ao longo do século passado. A primeira mudança foi a urbanização, que aconteceu com mais força entre 1965 e 1975, época em que Estela resolveu deixar o trabalho no campo. Em 1940, 31% da população viviam nas cidades. Em 2000, esse percentual subiu para 81%. Segundo o sociólogo Adalberto Cardoso, que escreveu o capítulo sobre sindicalismo, trabalho e emprego da publicação do IBGE,

até 1950 70% da mão-de-obra estavam no campo. Nos anos 80, essa participação se inverteu, com 30% na área rural:

— Foi um período de expansão entre 1940 e 1980, principalmente pelo aumento da produtividade da mão-de-obra. O simples fato de vir do campo para a cidade agregou valor ao trabalho — analisa o economista Eustáquio Reis.

Com a industrialização, o Brasil viveu o auge da formalização do trabalho. A carteira foi criada para atender ao trabalhador na indústria, mas a pressão social acabou estendendo o benefício a todos.

## Até 1976, crescimento do emprego formal

Em 1940, a força de trabalho no país era de 15 milhões e havia apenas um milhão de carteiras emitidas. A partir daí, começaram os saltos de formalização. Em 1976, o número de carteiras de trabalho emitidas ultrapassou o de trabalhadores; enquanto a força de trabalho era de 38 milhões, existiam no país 42 milhões de carteiras emitidas. Foi nesse momento que Estela viveu seu momento de empregada formal.

— Isso não quer dizer que todos tivessem emprego. Mas havia a esperança que o trabalho formal iria absorvê-los, de que estavam qualificados para

esse mercado em ascensão — explica Cardoso.

Mas o sonho da carteira assinada não virou realidade. A frustração veio com as crises dos anos 80. Os momentos de recuperação foram supridos com o trabalho informal. E Estela perdeu o emprego:

— A loja de roupas onde eu trabalhei por dez anos fechou e fui obrigada a trabalhar como ambulante.

A partir do ápice em 1976, quando 63% da força de trabalho tinham carteira assinada, nunca mais o emprego formal voltou a crescer: em 1984, baiou para 52%, e em 2000 estava em 44,5%.

— A esperança dos anos 70 virou o sonho nos anos 80 e o pesadelo nos anos 90 — resume Cardoso.

Outra transformação veio com as mulheres. A entrada no mercado, segundo Cardoso, foi constante ao longo do século, com alguns picos. Hoje, 50% da força de trabalho é feminina. Nessa hora, Estela se antecipou a outras mulheres. Começou a trabalhar já na década de 50, enquanto a entrada maciça das mulheres se deu entre os anos 80 e 90. A crise no emprego industrial ajuda a explicar o fenômeno. Além disso, na classe média a emancipação feminina empurrou-as para o mercado. ■

Mônica Imbuzeiro



ESTELA SIQUEIRA, ambulante há mais de 20 anos, traduz as mudanças do mercado de trabalho no século